

PAISAGEM, FERROVIA E INDÚSTRIAS: REDES DE CIRCULAÇÃO E CULTURA MATERIAL EM PARANAPIACABA

LANDSCAPE, RAILWAY AND INDUSTRIES: CIRCULATION NETWORKS AND MATERIAL CULTURE IN PARANAPIACABA

David Lugli Turtera Pereira¹

Hiuri Marcel di Baco²

Thiago Moraes Passos³

André Felipe Alves⁴

Resumo

Este artigo analisa a cultura material identificada na parte baixa da vila de Paranapiacaba, buscando compreender sua inserção nas redes de produção, circulação e consumo que abasteceram a vila entre o final do século XIX e meados do século XX. O estudo parte dos materiais registrados durante o Programa de Prospecção e Monitoramento Arqueológico realizado em 2016, advindos de contextos arqueológicos, acervos domésticos e musealizados. Foram articulados procedimentos de curadoria, identificação de marcas de fabricação, consulta a mapas e documentos históricos e análise sistemática de anúncios de periódicos, aqui tratada como Anunciologia. Telhas francesas, louças e equipamentos ingleses, carvão mineral e produtos fabricados no Brasil permitiram acompanhar a passagem de uma rede fortemente dependente de importações para circuitos progressivamente abastecidos pela indústria nacional. Os resultados mostram que essa mudança não ocorreu por ruptura, mas pela sobreposição de redes, produtos e práticas de consumo. Ao geografizar a trajetória dos objetos, a pesquisa aproxima a escala cotidiana da vila das transformações econômicas e socioespaciais mais amplas produzidas pela ferrovia e demonstra o potencial da cultura material para compreender a vila de Paranapiacaba como uma paisagem historicamente conectada.

Palavras-chave: Arqueologia histórica, Anunciologia, comércio transnacional, indústria nacional, consumo.

Abstract

This article examines how material culture identified in the lower part of the village of Paranapiacaba expresses the commercial, industrial, and technological networks involved in its formation and transformation from the late nineteenth to the mid-twentieth century. The study draws on materials recorded during the 2016 Archaeological Survey and Monitoring Program, including archaeological contexts, domestic collections, and museum collections. The research combined curatorial procedures, identification of manufacturers' marks, consultation of maps and historical documents, and systematic analysis of periodical advertisements, treated here as Anunciologia. French roof tiles, English pottery and equipment, British coal, and products manufactured in Brazil revealed a transition from a network strongly dependent on imports to circuits increasingly supplied by national industry. This shift occurred not through rupture, but through the overlapping of networks, products, and consumption practices. By tracing the trajectories of objects, the study connects everyday life in the village to broader economic and socio-spatial transformations produced by the railway, demonstrating the potential of material culture to understand Paranapiacaba as a historically connected landscape.

Keywords: Historical archaeology, advertisement analysis, transnational trade, national industry, consumption.

¹ Doutor em Arqueologia pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE-USP). Pesquisador de pós-doutorado na Universidade Estadual Paulista (UNESP), campus de Assis. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1388-623X>. E-mail: davidlugli12@yahoo.com.br.

² Doutor em Arqueologia pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE-USP). E-mail: hiuridibaco@gmail.com

³ Doutor em Geografia pela Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Estadual Paulista (FCT-UNESP). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8022-8843>. E-mail: thiagomoraespazos@gmail.com.

⁴ Bacharel em Geografia pela Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Estadual Paulista (FCT-UNESP). E-mail: alves_andre_felipe@hotmail.com.

1. INTRODUÇÃO

A vila de Paranapiacaba constitui um importante testemunho material da implantação e do funcionamento do sistema ferroviário paulista entre o final do século XIX e a primeira metade do século XX. Sua formação esteve diretamente vinculada à São Paulo Railway, inaugurada em 1867 para conectar o porto de Santos ao planalto paulista. Posteriormente, a duplicação do sistema funicular, com a implantação da Serra Nova em 1901, ampliou a infraestrutura ferroviária e contribuiu para a consolidação da vila como espaço de moradia, trabalho, circulação e manutenção técnica (PEREIRA, 2016). Nesse contexto, edifícios, equipamentos e objetos de uso cotidiano passaram a integrar uma paisagem marcada pela ferrovia e pelas relações estabelecidas entre diferentes escalas geográficas.

A importância arqueológica de Paranapiacaba, contudo, não se limita às suas estruturas ferroviárias e ao conjunto arquitetônico preservado. Os materiais encontrados em diferentes pontos da vila também registram trajetórias de produção, circulação, consumo e descarte. Telhas, fragmentos de louça, recipientes de vidro, peças metálicas, frascos de medicamentos, componentes ferroviários e depósitos de carvão permitem acompanhar parte das redes comerciais e tecnológicas que sustentaram o funcionamento da ferrovia e a vida de seus trabalhadores (PEREIRA, 2016). Quando relacionados aos seus contextos de deposição e às fontes históricas, esses objetos permitem aproximar a escala cotidiana da vila dos circuitos regionais, nacionais e transnacionais nos quais ela esteve inserida.

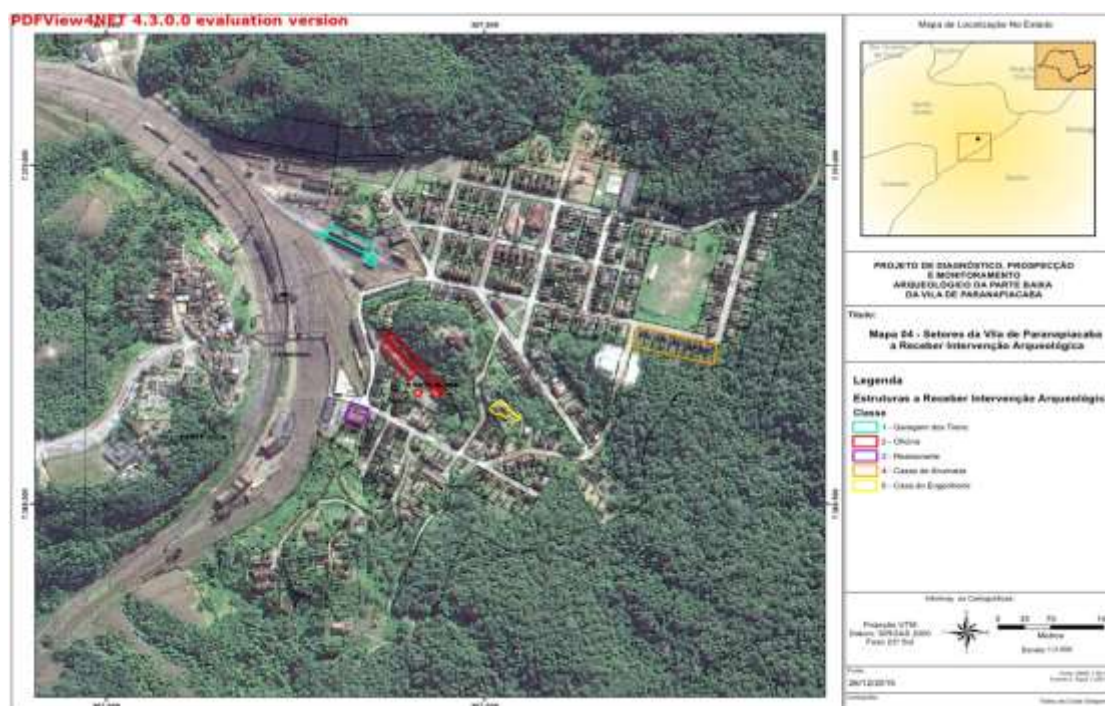


Figura 1. Localização dos setores da parte baixa da vila de Paranapiacaba contemplados pelas intervenções arqueológicas: Garagem das Locomotivas, Oficina dos Trens, Restaurante, Casas de Alvenaria e Casa do Engenheiro. Fonte: Pereira (2016), com base em imagem do Google Earth e dados cartográficos do IBGE

O artigo tem como objetivo compreender de que maneira a cultura material identificada em Paranapiacaba expressa as redes comerciais, industriais e tecnológicas envolvidas em sua formação e transformação histórica. Para isso, a vila é abordada como um nó do sistema ferroviário, no qual se encontraram fluxos de mercadorias, pessoas, conhecimentos e tecnologias. A análise parte da circulação de produtos importados, como telhas francesas, louças e equipamentos ingleses e carvão mineral britânico, e acompanha a presença progressiva de produtos nacionais, sobretudo aqueles relacionados à industrialização de Santo André e do ABC paulista nas primeiras décadas do século XX (CRUZ, 2007; FONSECA, 2001; PEREIRA, 2016).

2. MATERIAIS E MÉTODOS

2.1 Área de estudo e contexto da pesquisa

As atividades arqueológicas ocorreram entre fevereiro e setembro de 2016, durante intervenções de restauro nos galpões do Complexo Ferroviário e nos imóveis da Vila Martin Smith. Foram contempladas diretamente a Garagem das Locomotivas e seus edifícios de apoio, a Oficina dos Trens, as Casas de Alvenaria e a Casa do Engenheiro (PEREIRA, 2016).

Como não haviam sido realizadas pesquisas arqueológicas preliminares em todos esses setores, foram adotados procedimentos sistemáticos de prospecção de superfície e subsuperfície, acompanhados pelo monitoramento das intervenções vinculadas às obras de restauro. As áreas pesquisadas foram organizadas em malhas prospectivas, com o objetivo de identificar, registrar e georreferenciar estruturas, materiais e depósitos arqueológicos. Paralelamente, outros pontos da malha urbana e do entorno da vila foram avaliados, permitindo ampliar o reconhecimento de áreas com potencial arqueológico (PEREIRA, 2016).

2.2 Curadoria e organização do acervo

O universo analisado reuniu 1.138 peças e fragmentos provenientes dos sítios arqueológicos e das demais áreas pesquisadas. Após a coleta, os materiais foram encaminhados ao laboratório, onde passaram por procedimentos de limpeza, numeração, catalogação, classificação e acondicionamento. A diversidade do acervo, composto por vidro, louça, faiança, porcelana, cerâmica, metal, couro, plástico e materiais construtivos, exigiu procedimentos de limpeza compatíveis com a natureza e o estado de conservação de cada objeto (PEREIRA, 2016).

Sítio ou área pesquisada	Quantidade	%
Sítio Arqueológico Farmácia	642	56,41
Sítio Arqueológico Oficina de Trens	154	13,53
Sítio Arqueológico Garagem das Locomotivas	39	3,43
Sítio Arqueológico Taquarussú	32	2,81
Sítio Arqueológico Hospital Velho	23	2,02
Casa do Engenheiro	213	18,72
Casas de Alvenaria	14	1,23
Área de Interesse Arqueológico Caixa do Gustavo	21	1,85
Total	1.138	100,00

Tabela 1. Distribuição quantitativa e percentual dos materiais arqueológicos provenientes dos sítios e das áreas pesquisadas na parte baixa da vila de Paranapiacaba. Fonte: elaborado a partir de Pereira (2016)

Os materiais metálicos foram submetidos, predominantemente, à limpeza mecânica a seco, com atenção aos processos de oxidação. Nos objetos de vidro, louça e faiança, a remoção dos sedimentos foi realizada com instrumentos de cerdas macias e algodão, preservando inscrições, marcas de fabricação, elementos decorativos e demais atributos superficiais. Após a limpeza, cada peça recebeu um número individual de registro e foi descrita em ficha própria, reunindo categoria, classe, tratamento de superfície, decoração, conjunto artefactual, forma de intervenção e localização. Esse procedimento permitiu observar cada objeto e, ao mesmo tempo, compará-lo aos conjuntos domésticos, construtivos, ferroviários e farmacêutico-hospitalares (PEREIRA, 2016).

2.3 Procedimentos de análise

Para este artigo, foi realizado um recorte do conjunto de materiais analisados, priorizando os materiais que apresentaram atributos capazes de indicar fabricação, procedência, função ou período de circulação. Foram considerados, sobretudo, marcas, inscrições, logotipos, elementos decorativos, características tecnológicas e informações associadas aos contextos de coleta. Esse recorte incluiu telhas francesas, louças inglesas, equipamentos e peças metálicas, recipientes farmacêuticos, produtos de diversas naturezas fabricados no Brasil e amostras de carvão mineral relacionadas às atividades ferroviárias (PEREIRA, 2016).

Como procedimento complementar, servimo-nos da Anunciologia, entendida a partir da proposta de Gilberto Freyre (2012) como uma leitura sistemática dos anúncios publicados em jornais e revistas. No âmbito deste estudo, o anúncio não foi tratado como simples ilustração do objeto, mas como uma fonte capaz de informar sobre denominações comerciais, fabricantes, locais de produção, períodos de circulação, funções atribuídas aos produtos e

públicos aos quais eram destinados. Essa abordagem mostrou-se particularmente útil para os materiais que conservaram marcas, inscrições ou logotipos.

O roteiro de análise partiu da identificação da marca impressa no artefato. Em seguida, pesquisamos o fabricante e o produto em periódicos históricos de diferentes regiões do Brasil, confrontando as datas dos anúncios com o período de funcionamento das empresas e com o contexto arqueológico de procedência. Procuramos responder, de maneira articulada, onde o material havia sido produzido, em que momento circulou, para que servia e por quais redes poderia ter alcançado Paranapiacaba. As promessas e representações presentes nos anúncios também foram observadas, sobretudo nos casos dos medicamentos e das louças nacionais, pois revelam estratégias de convencimento, ideias de saúde, higiene, distinção e consumo próprias de cada período (FREYRE, 2012; PEREIRA, 2016).

Cabe ponderar que os anúncios expressam a linguagem e os interesses comerciais de seus fabricantes. Por essa razão, suas alegações não foram tomadas como comprovação da eficácia dos produtos ou de sua utilização direta na vila. A interpretação resultou da convergência entre o objeto, a marca, o contexto de achado, a cronologia empresarial e a documentação histórica. Desta feita, a Anunciologia complementou a curadoria e a análise arqueológica, sem substituir a leitura material e contextual do acervo.



Figura 2. Limpeza de recipiente de vidro e instrumentos empregados na curadoria do acervo arqueológico.
Fonte: acervo da pesquisa (PEREIRA, 2016)

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: PAISAGEM, FERROVIAS E REDES

Falar de redes não é uma tarefa fácil, pois implica esclarecer conceitos que atravessam diferentes disciplinas, como escalas, fixos e fluxos, nós e elos, sincronia e diacronia. No entanto, as características de um lugar complexo como a vila de Paranapiacaba nos obrigam a entregar-nos a essa tarefa. Como nos orienta Milton Santos (2006), existe uma forte relação entre a escala do local e a do mundial. Para a realidade aqui estudada, essa relação envolve a vila de Paranapiacaba, a construção e o funcionamento da São Paulo Railway, os produtores rurais e industriais, os mercados consumidores nacionais e os circuitos comerciais transnacionais.

Nosso objetivo é pensar as redes como construtoras de paisagens singulares. Suas relações e intensidades se estabelecem sempre de maneira contextual, produzindo paisagens que somente podem ser compreendidas quando singularizamos cada etapa histórica e observamos a interdependência entre o local e o global (MAGNÚSSON, 2003; SANTOS, 2006). Paranapiacaba não foi apenas atravessada pela ferrovia: formou-se por meio dela e das conexões que a ligavam ao porto de Santos, à cidade de São Paulo, ao interior paulista e a centros produtores situados em outros países.

Mas, afinal, o que é uma rede? Para Orser Jr. (1999), sua forma básica pode ser representada por pontos conectados por linhas. Os pontos são denominados nós e as linhas que os conectam, elos. O trabalho do arqueólogo, porém, não se resume a localizar esses pontos. É necessário descobrir a natureza e a composição das relações, compreender como elas foram expressas materialmente e acompanhar suas transformações no decorrer do tempo. Pessoas, grupos sociais, objetos, lugares ou paisagens inteiras podem constituir nós, enquanto os espaços, movimentos e relações estabelecidos entre eles formam seus elos.

Milton Santos (2006) aborda essa organização por meio dos conceitos de fixos e fluxos. Os fixos são instalados em cada lugar como suportes para determinadas ações. Os fluxos atravessam esses suportes, modificam o lugar e, ao mesmo tempo, também são modificados por ele. Fixos e fluxos, juntos, formam uma rede de interação e expressam a realidade geográfica. Em Paranapiacaba, a linha férrea, a estação, as oficinas, os sistemas funiculares e as áreas de moradia constituíram fixos atravessados por fluxos de pessoas, mercadorias, combustíveis, tecnologias e informações.

As redes sociais e tecnológicas são as que mais nos ajudam a pensar esse objeto de estudo. As primeiras correspondem aos contatos e às interações entre pessoas e grupos; as segundas, às estruturas concebidas para distribuir produtos, recursos ou informações (HEILEN, 2005). A rede ferroviária participa das duas dimensões. Ao mesmo tempo que estabelece uma infraestrutura voltada ao transporte, conecta trabalhadores, empresas, produtores e consumidores. As telhas, louças, peças metálicas, medicamentos e demais materiais encontrados na vila são expressões concretas dessas conexões.

Cabe destacar que as redes não são uniformes. Em um mesmo espaço podem coexistir e se sobrepor redes principais e tributárias, marcadas por desigualdades de uso, controle e circulação (SANTOS, 2006). A vila de Paranapiacaba constituía um nó importante dentro da rede ferroviária paulista, mas sua posição e seu funcionamento se transformaram ao longo do tempo. Os fluxos que inicialmente favoreceram a chegada de produtos e tecnologias importados passaram também a transportar mercadorias produzidas no Brasil, sobretudo com o avanço da industrialização durante as primeiras décadas do século XX.

Estudar as redes implica, portanto, considerar seus alcances no espaço e no tempo. Em uma perspectiva sincrônica, procuramos reconhecer as relações estabelecidas em determinado contexto histórico, partindo do nível dos indivíduos e dos grupos locais até alcançar as conexões comerciais, tecnológicas e informacionais de maior amplitude (ORSER JR., 2015). A reunião desses diferentes cenários permite uma leitura diacrônica, na qual as redes se constituem, transformam-se, sobrepõem-se ou perdem sua função. Como observa Santos (2006), toda rede é forçosamente diacrônica.

Essa articulação aproxima as redes da própria paisagem. Lefebvre (1978) considera que as relações socioespaciais podem ser observadas de duas formas superpostas e interativas: uma horizontal, formada pelas relações entre o grupo humano e o lugar em determinado momento, e outra vertical ou histórica, relacionada à presença dos processos passados na realidade atual. Acrescentamos que não são apenas os fatos que permanecem. A própria paisagem constitui a concretude da coexistência entre o presente e elementos de diferentes idades.

Pensar as relações por meio das redes nos permite, assim, geografizar a circulação dos objetos identificados no registro arqueológico, nos acervos domésticos e nos espaços musealizados. Mais do que estabelecer a origem de cada peça, buscamos acompanhar os caminhos que tornaram possível sua chegada, utilização e descarte em Paranapiacaba. A cultura material oferece, nesse sentido, uma entrada para compreender as relações comerciais, sociais e tecnológicas que deram substância às estruturas e formas da paisagem ferroviária.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 A vila de Paranapiacaba: do local ao global, do global ao local

A Carta da República dos Estados Unidos do Brasil, de 1892, auxilia-nos a visualizar parte dessa rede em escala transnacional. Linhas de navegação a vapor conectavam portos europeus ao litoral brasileiro, enquanto a ferrovia articulava Santos, Paranapiacaba, São Paulo e o interior. Por esses percursos circularam café, pessoas, equipamentos, materiais construtivos, combustíveis e objetos de consumo, alguns dos quais permaneceram registrados na paisagem e na cultura material da vila (PENHA; CORREIA, 1892; PEREIRA, 2016).

A partir de Paranapiacaba, esses fluxos alcançavam a Estação da Luz, na cidade de São Paulo, e conectavam-se a outras companhias ferroviárias. A Carta Geral do Estado de São Paulo, de 1904, mostra três direções principais: Sorocaba, por meio da Estrada de Ferro Sorocabana; Jundiaí e Campinas, pela própria São Paulo Railway; e o Vale do Paraíba e o Rio de Janeiro, pela Estrada de Ferro Central do Brasil (WILLIAMS, 1904). Paranapiacaba participava, portanto, de uma rede que articulava o transporte marítimo, a travessia da serra e a distribuição ferroviária para diferentes regiões.



Figura 3. Carta Geral do Estado de São Paulo, de 1904, com os principais traçados ferroviários representados no território paulista. Fonte: Williams (1904), modificada por Pereira (2016)

4.2 As telhas de origem francesa

É recorrente na vila de Paranapiacaba, sobretudo na Vila Martin Smith, a presença de coberturas originalmente confeccionadas com telhas cerâmicas do tipo francesa ou de Marselha. Cruz (2007) observa que essas telhas foram empregadas nas casas de diferentes tipologias e também na construção da nova Estação Alto da Serra, juntamente com a madeira pinho-de-riça, o ferro e os próprios trilhos utilizados como elementos construtivos. Trata-se, portanto, de um material que participou diretamente da configuração arquitetônica assumida pela vila durante a implantação da Serra Nova.

Durante nossos trabalhos de campo, pudemos registrar esse tipo de telha ainda preservado na cobertura de uma residência e em acervos domésticos formados por

moradores da Vila Martin Smith. Na residência do Sr. Isac Navarro foram identificados exemplares das marcas Martin Frères – Marseille, Arnaud Etienne et Cie – Marseille/Saint-Henri e J. Mouraille – Séon-Saint-André/Marseille. Na residência de Elisangela Oliveira, registramos o acervo reunido por seu filho, Caio Graco, composto por telhas recolhidas em diferentes pontos da vila. Além das marcas já mencionadas, esse conjunto apresentou um exemplar da Tuileries Romain Boyer (PEREIRA, 2016).

As inscrições impressas nas telhas permitiram-nos ultrapassar a simples classificação tipológica e alcançar os locais onde esses materiais foram produzidos. A maior parte dos fabricantes identificados estava instalada em Marselha, na França, especialmente nas localidades de Saint-Henri e Saint-André. A Tuileries Romain Boyer, por sua vez, funcionava em Six-Fours, na região da Côte d’Azur. As marcas transformaram cada peça em um ponto de conexão entre as edificações de Paranapiacaba, as fábricas francesas, as rotas marítimas transatlânticas, o porto de Santos e a ferrovia.

Outro marcador temporal foi observado em uma telha da marca Arnaud Etienne et Cie, na qual aparece o ano de 1889, possivelmente relacionado ao lote de fabricação. Essa data, somada às informações históricas e à permanência das telhas nas coberturas e nos acervos domésticos, aproxima sua circulação do período de construção da Vila Martin Smith, concluída no início do século XX. Os dados não indicam que todos os exemplares tenham chegado ao mesmo tempo ou percorrido exatamente o mesmo caminho, mas mostram que as telhas francesas foram parte importante de uma rede de fornecimento vinculada à expansão ferroviária.

4.3 O metal de origem inglesa

Os materiais confeccionados em metal foram registrados durante a visita ao Museu Tecnológico Ferroviário e na curadoria dos acervos domésticos. No espaço do Museu, pudemos observar um torno fabricado pela Sharp Stewart & Co., na cidade de Manchester, Inglaterra. Segundo as informações associadas ao objeto, o equipamento começou a ser utilizado na vila em 1901, justamente no período de implantação da Serra Nova. Sua função estava relacionada à manutenção das rodas das locomotivas e dos vagões, inserindo-o diretamente no cotidiano técnico das oficinas ferroviárias (PEREIRA, 2016).

Também foi registrada uma locomotiva produzida pela Sharp Stewart & Co., apresentada no Museu como a primeira a percorrer o trecho entre Santos e Jundiaí, no ano de 1862. Mais do que peças isoladas, a locomotiva e o torno demonstram a participação de uma mesma empresa inglesa em diferentes etapas do sistema ferroviário. A marca inscrita no metal aproxima, novamente, Paranapiacaba da cidade industrial de Manchester.

Na curadoria dos acervos domésticos, identificamos um possível macaco de vagão, confeccionado em metal e produzido pela Haley Patent & Co., também sediada em Manchester. A identificação foi realizada por meio da marca preservada na peça e de sua

comparação com o anúncio *Haley's Lifting Jacks*, publicado em 1859 (HALEY, 1859 apud PEREIRA, 2016). O documento apresenta Joseph Haley como inventor do equipamento, informa seu local de produção e descreve sua função como instrumento empregado na elevação de vagões e outras estruturas pesadas.

A consulta ao repertório de patentes de Hodson (1837) permitiu recuar ainda mais na trajetória desse fabricante. O documento registra invenções de Joseph Haley relacionadas ao aperfeiçoamento de máquinas e ferramentas destinadas ao corte, aplainamento e torneamento de metais. A articulação entre a peça registrada no acervo doméstico, o anúncio comercial e a patente não determina, por si só, o momento exato de sua chegada à vila. No entanto, oferece elementos para compreender sua função e inseri-la em uma rede tecnológica mais ampla.

LIST OF NEW PATENTS.

JOSEPH HALEY, of **Manchester**, in the county of Lancaster, Machine Maker, for certain improvements in the machinery, tools, or apparatus for cutting, planing, and turning metals and other substances.—Sealed March 28, 1837.—(*Six months.*)

Figura 4. Registro das invenções patenteadas por Joseph Haley, em 1837, relacionadas a equipamentos mecânicos de elevação e movimentação de cargas. Fonte: Hodson (1837)

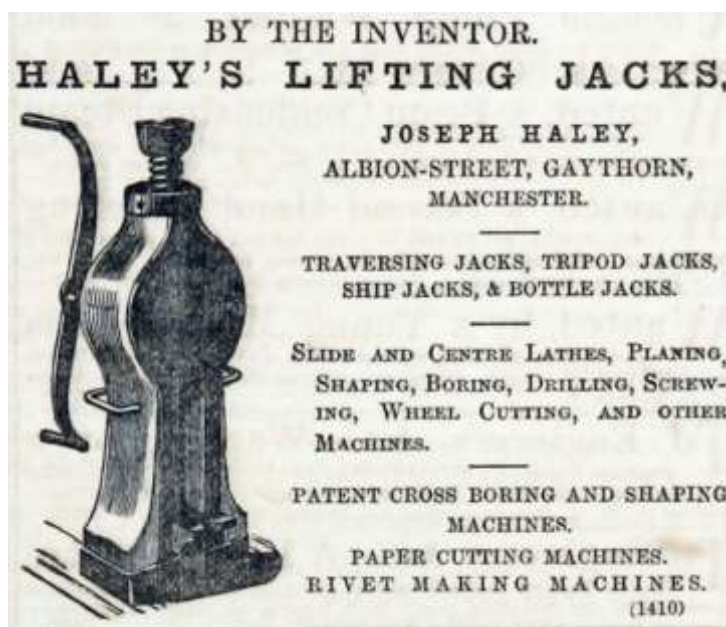


Figura 5. Anúncio comercial dos macacos de elevação (*Haley's Lifting Jacks*), fabricados pela Haley Patent & Co., de Manchester, para o içamento de vagões ferroviários e outras estruturas pesadas. Fonte: Grace's Guide (1859 apud PEREIRA, 2016)

4.4 A louça inglesa

No acervo doméstico do Sr. Luiz Carlos da Silva, morador da Vila Martin Smith, foram identificados fragmentos de louça inglesa com a marca J. & G. Meakin. Em uma das inscrições consta, na parte superior, a expressão *Ironstone China*; ao centro, um brasão com a forma das Armas Reais; e, abaixo, o nome do fabricante, a cidade e o país de produção: *J. & G. Meakin, Hanley, England* (PEREIRA, 2016). Mesmo fragmentada, a peça preservou informações suficientes para nos conduzir da escala doméstica da vila até a indústria cerâmica inglesa.



Figura 6. Fragmento de louça Ironstone China, produzido pela J. & G. Meakin, em Hanley, Inglaterra, identificado em acervo doméstico de Paranapiacaba, e comparação com marcas do fabricante utilizadas a partir de 1890. Fonte: acervo da pesquisa (PEREIRA, 2016) e *The Potteries*

De acordo com os registros reunidos pelo The Potteries (s.d.), o brasão com as Armas Reais passou a ser utilizado pela J. & G. Meakin a partir de 1890. Por volta de 1907, a empresa começou a empregar outros desenhos e composições em suas marcas. A comparação entre essas referências e o carimbo preservado nos fragmentos permite sugerir uma fabricação situada entre 1890 e 1907. Essa faixa temporal coincide com o período de construção e início da ocupação da Vila Martin Smith, aproximando a louça do mesmo contexto histórico em que circularam as telhas francesas e os equipamentos ingleses.

4.5 O carvão mineral britânico

O carvão mineral britânico integra a gama de produtos importados da Grã-Bretanha para o Brasil no contexto da construção e do funcionamento da São Paulo Railway, de suas oficinas e de suas estruturas de apoio. Diferentemente das telhas, das louças ou dos equipamentos metálicos, o carvão não foi produzido para permanecer na paisagem. Sua

função era ser consumido, transformando matéria em energia e energia em movimento. Ainda assim, parte desse fluxo deixou marcas materiais na vila.

Durante as intervenções arqueológicas, foram identificados grandes depósitos subsuperficiais de carvão mineral, localizados principalmente na área externa e adjacente à Garagem das Locomotivas. Esses depósitos estavam protegidos por camadas de sedimento e brita com aproximadamente 0,20 a 0,30 m de espessura (PEREIRA, 2016). Sua presença relaciona diretamente aquele espaço às atividades de armazenamento e abastecimento necessárias ao funcionamento das locomotivas e das demais instalações ferroviárias.

Na tentativa de compreender a procedência desse combustível, recorremos às notícias publicadas em jornais da década de 1930. Uma matéria do periódico A Federação, de 1931, apresenta dados sobre a importação de carvão proveniente de Cardiff para o Brasil nos anos de 1928, 1929 e 1930. Para o último ano, o documento registra a entrada de 453 toneladas destinadas ao sul do país. A mesma notícia informa sobre o crescimento do consumo do carvão mineral brasileiro, extraído sobretudo das jazidas do Rio Grande do Sul (PEREIRA, 2016).

Uma segunda notícia, publicada por A Federação em 1932, aproxima-se de maneira mais direta da São Paulo Railway. O texto informa que um cargueiro inglês transportava uma carga de carvão identificada como proveniente de Riverton e destinada à companhia. O navio, porém, recebeu ordens para desembarcar no Rio de Janeiro, onde o combustível teria sido aproveitado pela Estrada de Ferro Central do Brasil (PEREIRA, 2016). O episódio mostra que essas rotas não eram fixas ou inteiramente previsíveis: cargas podiam ser redirecionadas, apropriadas por outras companhias e incorporadas a diferentes trechos da rede ferroviária.

4.6 Os produtos nacionais

A dependência dos produtos importados, marcante entre o final do século XIX e o início do XX, foi paulatinamente enfraquecida pelo desenvolvimento da indústria em território nacional e pelas políticas posteriores de substituição das importações (FORJAZ, 1984; PEREIRA, 2016). A criação e a extensão das redes ferroviárias aproximaram centros produtores e mercados consumidores, favoreceram a expansão do trabalho assalariado e contribuíram para a urbanização das áreas localizadas junto aos trilhos (FONSECA, 2001). A própria ferrovia, inicialmente dependente de equipamentos e mercadorias estrangeiras, passou a criar condições para a circulação de produtos fabricados no Brasil (FONSECA, 2001; PEREIRA, 2016).

Nesse processo, destacam-se as indústrias cerâmicas, químicas e farmacêuticas instaladas em Santo André e nos municípios vizinhos. A Cerâmica Santo André iniciou suas atividades em 1914, enquanto a Rhodia começou sua produção local por volta de 1919 e 1920. Essas empresas passaram a integrar uma rede de produção e comércio mediada pela ferrovia. Foi por meio dessa articulação que seus produtos alcançaram Paranapiacaba e,

posteriormente, foram identificados nos depósitos arqueológicos e nos acervos domésticos (PEREIRA, 2016).

Marca	Produto/vestígio	Cronologia e anúncios	Localidade
Pharm. Chim. João da Silva Silveira	Frasco de vidro contendo “Elixir de Nogueira”	Atividade: indeterminada. Anúncios: 1890, 1927 e 1935.	Pelotas/RS
Francisco Giffoni & C.	Frasco de fortificante	Atividade: 1903–?. Anúncios: 1901, 1902, 1914, 1929, 1931 e 1950.	Rio de Janeiro/RJ
Sabão Aristolino	Frasco de produto de limpeza	Atividade: ?–1985. Anúncios: 1908, 1916, 1918, 1923 e 1962.	Rio de Janeiro/RJ
Loção Brilhante	Frasco de vidro	Atividade: 1912–. Anúncios: 1922, 1930 e 1933.	São Paulo/SP
Companhia Chimica Rhodia Brasileira	Frasco de remédio	Atividade: 1920–. Anúncios: 1927, 1929 e 1984.	São Bernardo do Campo/Santo André–SP
Laboratório Upjohn	Ampola de Frademicina	Atividade: 1952–. Anúncio de 1949 (produto importado); anúncios de 1955 e 1956, quando já operava no Brasil.	São Paulo/SP
Becton Dickinson Indústrias Cirúrgicas S.A.	Seringa de vidro	Atividade: 1956–. Anúncios de 1957 e 1959 sobre seringas; registros de 1960 e 1974.	Juiz de Fora/MG
Porcelana Mauá	Fragmento de louça	Atividade: 1937–1968. Anúncio: 1957.	Mauá/SP
Cerâmica Miranda Coelho	Fragmento de louça	Atividade: 1914–1964.	Mauá/SP
Pozzani	Fragmento de louça	Atividade: 1934–2012.	Jundiaí/SP
Cerâmica São Caetano	Material construtivo	Atividade: 1913–1980. Anúncio: 1930.	São Caetano/SP
Nadir Figueiredo/Confeitaria Colombo	Fragmento de copo americano	Atividade: 1948–. Anúncios da geleia de mocotó: 1958, 1960 e 1964.	São Paulo–SP/Rio de Janeiro–RJ
Fanti & Begliomini Ltda.	Carvão vegetal	Atividade: 1940–?. Registro histórico de fundação da firma em 1940.	Taquarussú/Mogi das Cruzes–SP
Óleo de Peroba	Frasco de vidro de produto de limpeza	Atividade: 1928–. Anúncios: 1939 e 1954.	Rio de Janeiro/RJ

Tabela 2. Características dos produtos nacionais identificados durante as pesquisas arqueológicas na vila de Paranapiacaba. Fonte: elaborado a partir de Pereira (2016)¹

4.6.1 Remédios, produtos higiênicos e transformação da farmácia

No campo da saúde, a associação entre os materiais arqueológicos e os anúncios permitiu-nos reconhecer dois momentos que, durante certo período, coexistiram. O primeiro foi caracterizado pela circulação das chamadas panaceias: elixires, vinhos, tonificantes, sabões medicinais e loções aos quais se atribuíam propriedades capazes de tratar uma grande quantidade de enfermidades. Entre os materiais registrados encontram-se o frasco do Elixir de Nogueira, produzido pela Pharm. Chim. João da Silva Silveira, em Pelotas; um recipiente relacionado à Francisco Giffoni & Cia., do Rio de Janeiro; o Sabão Aristolino; e a Loção Brilhante, fabricada em São Paulo (PEREIRA, 2016).

O frasco do Elixir de Nogueira foi preservado em acervo doméstico, segundo informação do morador, após ter sido recolhido no antigo depósito do Hospital Velho. Os anúncios consultados mostram a ampla circulação do produto entre o final do século XIX e as primeiras décadas do XX. Em 1890, o Diário de Pernambuco divulgava sua composição à base de nogueira, salsa, caroba e guaiaco, atribuindo ao preparado o tratamento de numerosas doenças. Anúncios posteriores, encontrados no Rio Grande do Sul, no Rio de Janeiro e em

¹ **Nota:** o ponto de interrogação indica informação ainda não determinada; o travessão final indica continuidade das atividades para além da data inicial registrada

outros estados, revelam que sua comercialização não permaneceu restrita a Pelotas, alcançando diferentes regiões do país (MUNIZ, 2013; PEREIRA, 2016).

O frasco identificado no Sítio Arqueológico Farmácia com a inscrição “Lab. Francisco Giffoni Rio de Janeiro” integra o mesmo horizonte das panaceias. Os anúncios da empresa, publicados entre as primeiras décadas do século XX e os anos de 1950, apresentavam produtos como o Vinho Biogênico, o Licor Tonol e outros preparados destinados ao fortalecimento do organismo. O Sabão Aristolino, por sua vez, reunia em um único produto funções de higiene e tratamento, enquanto a Loção Brilhante era anunciada contra caspas, queda de cabelo, calvície e outros problemas do couro cabeludo. Esses discursos comerciais ajudam-nos a compreender não apenas o que se vendia, mas também as preocupações com saúde, aparência, envelhecimento e vigor que acompanhavam esses objetos (CORREIO DA MANHÃ, 1902, 1931, 1950; O CRUZEIRO, 1929, 1930, 1962; O ESTADO DE S. PAULO, 1909, 1917, 1938; O SACY, 1926; CARETA, 1930; JORNAL DAS MOÇAS, 1933).

Um segundo momento foi marcado pela instalação de empresas farmacêuticas estrangeiras em território nacional e pela progressiva consolidação de uma farmácia profissional e industrializada. Nos contextos da Farmácia do Sr. Genofre e do Hospital Velho foram identificados um recipiente da Companhia Chimica Rhodia Brasileira, uma ampola de Frademicina pediátrica da Upjohn e uma seringa de vidro da Becton Dickinson. A Rhodia iniciou sua produção no ABC paulista no começo da década de 1920, em uma área diretamente servida pela São Paulo Railway, e passou a fabricar produtos farmacêuticos em 1924. A Upjohn estabeleceu sua sucursal brasileira em 1952, embora seus medicamentos já fossem importados anteriormente, enquanto a Becton Dickinson iniciou, em 1956, a fabricação de seringas de vidro em Juiz de Fora (SANTOS; LIMA; VIEIRA, 2005; PEREIRA, 2016).

O anúncio da Rhodia publicado pelo Diário Nacional, em 1927, é especialmente significativo por apresentar um medicamento produzido no Brasil e indicado contra gripes, febres, reumatismos e insônias. Quando relacionado ao recipiente recuperado na antiga farmácia, o anúncio materializa a passagem de uma empresa francesa importadora para uma indústria instalada no país. Mais do que uma simples mudança de procedência, esse processo envolveu novas formas de produção, distribuição e legitimação dos medicamentos.



Figura 7. Elixir de Nogueira (a esquerda) e Companhia Chimica Rhodia Brasileira (a direita): objetos identificados em Paranapiacaba e anúncios históricos empregados na análise de suas trajetórias de produção e circulação. Fonte: acervo da pesquisa (PEREIRA, 2016); A Bomba (1913); Correio da Manhã (1930; 1935); Diário de Pernambuco (1890); Diário Nacional (1927; 1929); O Estado de S. Paulo (1984)

4.6.2 As louças nacionais e os novos circuitos de consumo

Entre as louças de fabricação nacional, foram identificadas marcas da Porcellana Mauá, da Cerâmica Miranda Coelho e da Indústria Francisco Pozzani. As duas primeiras estavam instaladas em Mauá, enquanto a terceira se localizava em Jundiaí. Não nos parece casual que essas três cidades integrassem o traçado da São Paulo Railway, sobretudo no trecho Santos–Jundiaí. A proximidade das fábricas com a ferrovia facilitava o transporte das matérias-primas e dos produtos acabados, ao mesmo tempo em que aproximava os fabricantes de mercados consumidores como Paranapiacaba.

Embora o estabelecimento industrial que deu origem à Cerâmica Miranda Coelho tenha iniciado suas atividades em 1914, a empresa passou por diferentes proprietários e denominações ao longo de sua trajetória. O nome “Cerâmica Miranda Coelho”, registrado nas marcas de fábrica preservadas em suas louças, corresponde à fase final de funcionamento da unidade, situada entre 1954 e 1964. A inscrição observada no fragmento arqueológico permite propor esse intervalo como referência para a fabricação da peça. A Porcellana Mauá, por sua vez, iniciou suas atividades em 1937, mas a inscrição “Made in Brazil”, presente no recipiente fragmentado recuperado no depósito do Hospital Velho, não constitui, isoladamente, um marcador cronológico preciso, pois foi empregada em diferentes momentos da produção destinada aos mercados interno e externo. Considerados em

conjunto com o contexto de deposição e os demais materiais associados, esses indícios aproximam as peças do consumo doméstico ocorrido na vila durante as décadas centrais do século XX, sem, contudo, estabelecer uma data absoluta para a formação do depósito (PEREIRA, 2007; PEREIRA, 2016).

Os anúncios da Porcellana Mauá publicados pela revista O Cruzeiro, em 1957, ajudam-nos a avançar nessa interpretação. Expressões como “requintado gosto”, “alta linhagem” e “preferida nos bons ambientes” associavam a louça a ideias de distinção, qualidade e organização da casa. A propaganda também orientava o consumidor a procurar a logomarca estampada no verso das peças como garantia de autenticidade. Desta feita, a marca presente no fragmento arqueológico não identifica apenas seu fabricante: aproxima o objeto de um discurso social sobre gosto, respeitabilidade e pertencimento às camadas médias urbanas (PEREIRA, 2016).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A diversidade dos materiais analisados, sejam eles: telhas francesas, louças inglesas, equipamentos metálicos, carvão mineral e diferentes produtos fabricados no Brasil, demonstra que Paranapiacaba não deve ser compreendida como um núcleo urbano ferroviário isolado no alto da Serra do Mar. Ao contrário, sua construção e seu funcionamento estiveram diretamente relacionados à formação de redes que conectavam a vila ao porto de Santos, à cidade de São Paulo, ao interior paulista e a centros industriais situados em outros países. A ferrovia, nesse sentido, não atuava apenas como meio de transporte, mas como fixo e fluxo capaz de movimentar pessoas, mercadorias, técnicas e modos de vida, criando relações entre escalas locais, regionais e transnacionais.



Figura 8. Redes comerciais de circulação de produtos destinados à vila de Paranapiacaba: à esquerda, produtos importados, sobretudo da Inglaterra e da França; à direita, produtos de origem nacional. Elaboração cartográfica: Maria Frizarin

Desta feita, a análise das redes possibilitou geografizar parte da circulação desses objetos e reconhecer, na microescala do registro arqueológico, transformações econômicas e socioespaciais mais abrangentes. Fragmentos aparentemente comuns, quando associados às marcas dos fabricantes, aos locais de produção, aos períodos de circulação e aos contextos de achado, passam a informar sobre a dependência inicial das importações, o desenvolvimento da indústria nacional e a ampliação dos mercados consumidores. A utilização dos anúncios históricos mostrou-se particularmente importante nesse processo, pois permitiu complementar a análise dos materiais e aproximá-los dos usos, das práticas de consumo e das estratégias comerciais de seu tempo.

O estudo apresentado não pretende encerrar o tema. Ao contrário, constitui uma primeira aproximação com um conjunto material amplo, disperso entre contextos arqueológicos, coleções domésticas e acervos museológicos. Muitos objetos ainda podem ser identificados e relacionados às redes que atravessaram Paranapiacaba, assim como os próprios acervos preservados pelos moradores apresentam um campo importante para pesquisas futuras. A continuidade desses estudos poderá ampliar o conhecimento sobre a circulação das mercadorias, os hábitos de consumo e as experiências cotidianas daqueles que construíram, trabalharam e viveram na vila. Nesse percurso, a cultura material permanece como um caminho privilegiado para compreender Paranapiacaba não somente como patrimônio ferroviário, mas como uma paisagem historicamente produzida pela confluência de pessoas, objetos, técnicas e redes.

REFERÊNCIAS

- A BOMBA. Anúncio do Elixir de Nogueira. A Bomba, 1913. Disponível em: <http://www.ibamendes.com/2012/08/anuncios-antigos-do-elixir-de-nogueira.html>. Acesso em: 21 jan. 2017.
- CORREIO DA MANHÃ. Anúncio do Elixir de Nogueira. Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 1930. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/089842_04/395. Acesso em: 23 maio 2023.
- CORREIO DA MANHÃ. Anúncio do Elixir de Nogueira. Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 1935. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/089842_04/31460. Acesso em: 23 maio 2023.
- CRUZ, Thais Fátima dos Santos. *Paranapiacaba: a arquitetura e o urbanismo de uma vila ferroviária*. 2007. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2007.
- DIÁRIO DE PERNAMBUCO. Anúncio do Elixir de Nogueira. Diário de Pernambuco, Recife, 1890. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/029033_07/27. Acesso em: 22 maio 2023.
- DIÁRIO NACIONAL. Anúncio da Companhia Chimica Rhodia Brasileira. *Diário Nacional*, São Paulo, 1927. Disponível em: <https://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=213829&pesq=Chimica%20Rhodia&pagfis=629>. Acesso em: 23 maio 2023.
- DIÁRIO NACIONAL. Anúncio da Companhia Chimica Rhodia Brasileira. *Diário Nacional*, São Paulo, 1929. Disponível em:

<https://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=213829&pesq=Chimica%20Rhodia&pagfis=4988>.

Acesso em: 23 maio 2023.

FONSECA, Simone César da. Diadema e o Grande ABC: expansão industrial na economia de São Paulo. In: *Diadema nasceu no Grande ABC: história retrospectiva da Cidade Vermelha*. São Paulo: FAPESP, 2001.

FORJAZ, M.C.S. Industrialização, estado e sociedade no Brasil (1930-1945). **Revista de Administração de Empresas**, v. 24, n. 3, p. 35-46, 1984.

FREYRE, Gilberto. *O escravo nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX*. São Paulo: Global, 2012.

GRACES GUIDE. Acesso em: 12 de Setembro de 2016, disponível em:

http://www.gracesguide.co.uk/J._and_G._Meakin

HEILEN, M. P. **An Archaeological Theory of Landscapes**. The University Arizona. 2005.

HODSON, J.S. **The repertory of patent inventions, and other discoveries and improvements in arts, manufactures, and agriculture**. New Series, Vol. VII, 1837.

MAGNÚSSON, S. G. The singularization of history: social history and microhistory within the postmodern state of knowledge. **Journal of Social History**, v. 36, n. 3, p. 701-735, 2003.

MUNIZ, Diva do Rosário Muniz. Vendendo saúde: poderoso e popular “Elixir de Nogueira”. In: SIMPÓSIO DE HISTÓRIA DO MARANHÃO OITOCENTISTA, 3., 2013, São Luís. São Luís: Universidade Estadual do Maranhão, 2013.

O ESTADO DE S. PAULO. Anúncio comemorativo da Companhia Química Rhodia Brasileira. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 19 dez. 1984. Disponível em: <https://voce.estadao.com.br/pagina/#!/19841219-33681-nac-0001-999-1-not>. Acesso em: 5 out. 2023.

ORSER JR, C. E. A teoria de rede e a Arqueologia da História moderna. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, n. 3, p. 87-101, 1999.

PENHA, L.J.M.; CORREIA, S. Carta da republica dos Estados Unidos do Brazil. 1892. Acesso, 11 de setembro de 2016. <https://www.loc.gov/item/2001620473/>.

PEREIRA, David Lugli Turtera. *Relatório final de prospecção e monitoramento arqueológico da parte baixa da Vila de Paranapiacaba, Santo André, SP*. São Paulo: PCS Services S.A., 2016.

PEREIRA, José Hermes Martins. *As fábricas paulistas de louça doméstica: estudo de tipologia arquitetônica na área de patrimônio industrial*. 2007. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. Edusp, 2006.

SANTOS, Mariana Silva; LIMA, Luciano Teixeira; VIEIRA, Maria Rita Simões. Por que o farmacêutico se afastou das drogarias? Análise do interesse dos farmacêuticos da cidade de Santos (SP) em trabalhar com dispensação de medicamentos. *Infarma*, Brasília, v. 17, n. 5/6, 2005.

THE POTTERIES. Acesso em: 12 de Setembro de 2016, disponível em: <http://www.thepotteries.org>

WILLIAMS, H.E. Carta geral do Estado de São Paulo e partes dos estados vizinhos. Comissão Geográfica e Geológica (SP), 1904. Acesso em: 12 de Setembro de 2016, disponível em: <http://bdlb.bn.br/acervo/handle/123456789/272669>